



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LÍNGUAS CLÁSSICAS E PORTUGUÊS
- LIP
DISCIPLINA: TÓPICOS ATUAIS EM LINGUÍSTICA
PROFESSORA DOUTORA: ELOISA NASCIMENTO SILVA PILATI

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS DO PORTUGUGUÊS:
Principais, auxiliares e copulativos.

Pâmella Katty de Lima Rodrigues

Brasília
2011

Pâmella Katty de Lima Rodrigues – matricula: 09/0011805
(pamis26fp@gmail.com)

CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS DO PORTUGUGUÊS:
Principais, auxiliares e copulativos.

Trabalho apresentado ao
Departamento de Linguística, Línguas
Clássicas e Português (LIP), da
Universidade de Brasília, como
requisito para conclusão da disciplina
de Tópicos Atuais em Linguística e
obtenção do título de licenciada em
Letras Português.

Orientadora: Professora Doutora Eloisa Nascimento Silva Pilati

Brasília

Resumo

O presente trabalho consiste em um estudo sobre as diferentes classificações atribuídas aos verbos do português, sob a perspectiva sintática. Trata da classificação dos verbos em principais, auxiliares e copulativos, por meio da comparação entre as obras *Gramática da Língua Portuguesa* (2003) de Mira Mateus et al., e *Gramática do Português Contemporâneo* (2008) de Cunha e Cintra., apresentando as relações existentes entre as referências semânticas e sintáticas, e as possíveis classificações propostas pelos autores. É um trabalho que percorre desde as propriedades de cada verbo até as suas diferentes manifestações nos contextos frásicos que possibilitarão as diferentes tipologias.

Palavras-chave: verbos, classificação, comparação.

1. A classificação verbal em Cunha e Cintra 2008

1.1 Verbos Significativos

Cunha e Cintra, no capítulo sete da obra *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, tratam da oração e seus termos integrantes: sujeito e predicado. Conceituam o predicado como “tudo aquilo que se diz do sujeito” (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 136). Contudo, tal afirmação parece contraditória quando se analisa a oração sem sujeito definida pelos autores, por meio, da verificação da inexistência do sujeito, apesar de explicitarem que o processo verbal de tais orações é o ponto de interesse.

Segundo Cunha e Cintra, verbo significativo é aquele que apresenta nova ideia sobre o sujeito. É contraditória, também, a afirmação deles de que “o verbo haver, quando sinônimo de existir, é transitivo direto” (CUNHA E CINTRA, 2008, p.554), pois de acordo com a teorização apresentada, nesta acepção o verbo haver não tem sujeito.

Os autores classificam o predicado como: verbal, nominal, ou verbo-nominal. Para eles, o predicado verbal é aquele que possui como núcleo um verbo significativo determinado como elemento principal da declaração que se faz do sujeito. Cunha e Cintra estabelecem que o predicado verbal é classificado como intransitivo e transitivo.

Os verbos transitivos são classificados por Cunha e Cintra, 2008 como aqueles que exigem outros termos para a complementação do significado, já que o processo verbal não estaria integralmente contido neles. Verbos transitivos apresentam, ainda, uma subclassificação, em verbos transitivos diretos e verbos transitivos indiretos.

Segundo os autores, são verbos transitivos diretos aqueles que transmitem para outro elemento, a ação que expressam, diretamente, sem o auxílio da preposição. Os verbos intransitivos, por sua vez, são conceituados por meio de critério semântico: “verificamos que a ação está integralmente contida nas formas verbais sobe e desce. [...] A ação não vai além do verbo” (CUNHA E CINTRA, 2008:149). Dessa forma, os verbos intransitivos expressam uma ideia completa, e, portanto, não necessitam de complemento.

Os gramáticos explicam que a ligação entre o verbo e o termo que complementa seu significado se dá “diretamente, sem uma posição intermediária, quando o complemento é objeto direto ou indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é objeto indireto.” (CUNHA E CINTRA, 2008, p.531).

Todavia, essa abordagem sobre objeto direto é contraditória, uma vez que Cunha e Cintra apresentam o objeto direto preposicionado, classificação que vai de encontro com o conceito já explicitado sobre objeto direto (objeto direto é o termo que completa o sentido do verbo transitivo, e este o faz de forma direta, sem preposição). O objeto direto, então, de acordo com os gramáticos, seria preposicionado quando completasse verbos que exprimem sentimentos ou para evitar ambiguidades, e obrigatoriamente quando o objeto direto fosse expresso por pronome pessoal oblíquo.

1.2 Verbos de Ligação

Os verbos de ligação são tratados na *Gramática do Português Contemporâneo 2008* como aqueles que “servem para estabelecer a união entre duas expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como um elo entre este e o seu predicativo” (CUNHA E CINTRA, 2008, p.147). Segundo as descrições da gramática, o verbo de ligação pode expressar estado permanente, transitório, mudança de estado, aparência ou continuidade de estado.

Tais verbos formam o predicado nominal junto a um predicativo do sujeito, como nos seguintes exemplos:

- (1) a. Antônia era a filha caçula.
b. Camila esteve triste durante alguns dias.
c. Transformei-me em alguém sombrio com o passar dos anos.
d. Janaína continuou indiferente aos problemas.
e. Anita parecia irritada com a nota da prova.

1.3 Verbos Auxiliares

Os autores classificam os verbos, segundo a sua função, em principal ou auxiliar. Verbo principal é o verbo de significação nuclear da oração, e auxiliar é o verbo desprovido total ou parcialmente de significação própria, sendo os mais comuns, exemplificados pelos autores, os verbos ter, haver, ser e estar.

De acordo com Cunha e Cintra, as locuções verbais são formadas por conjuntos compostos por um verbo auxiliar com um verbo principal. Em tais formais, os autores ressaltam que apenas o verbo auxiliar é conjugado, uma vez que o verbo principal deve se apresentar nas formas nominais do gerúndio, particípio ou infinitivo impessoal. As orações abaixo são exemplos de orações com os verbos auxiliares:

- (2) a. Tenho trabalhado muito nessa empresa.
b. O produto foi comprado rapidamente.

2. A classificação verbal em Mateus et al 2003

2.1 Verbos Principais

Mateus et al afirmam que uma oração contém dois termos fundamentais: o predicado e o sujeito. O predicado, segundo elas, é um constituinte ou uma sequência de constituintes formados pelo predador e seus argumentos. Predicado verbal (denominação da tradição gramatical luso-brasileira), na obra *Gramática da Língua Portuguesa* 2003, é constituído pelo predador e seu argumento interno, ou ainda, pelo seu verbo auxiliar. As autoras explicam, também, que existem frases simples que

possuem uma dupla predicação, aquelas possuidoras de verbos copulativos, e que os predicados desse tipo são denominados predicados nominais.

A predicação é uma relação semântica estabelecida entre elementos de uma frase que traz informação, assim, predicar é atribuir características a uma entidade, ou entre entidades num dado universo de referência. O verbo, por excelência é uma classe de palavras que constrói uma relação de significação, lugares vazios a serem completados por argumentos, sendo o verbo um predicator, uma vez que o verbo conjugado comeu, por exemplo, aos falantes, por meio, de seu conhecimento linguístico, às perguntas como: quem comeu? Comeu o quê?

(3) A menina comeu o bolo. Predicador: comeu. Argumentos: a menina/o bolo.

Segundo Mateus et al 2003, as possibilidades de organização sintática das frases básicas de uma língua dependem das propriedades presentes nos verbos de cada uma delas. As autoras, então, diferenciam três grandes grupos de verbos: principais, copulativos e auxiliares.

(4) a. Verbos principais: comer, dançar, navegar, falar.

b. Verbos copulativos: permanecer, continuar, andar.

c. Verbos auxiliares: ter, ser, haver, estar.

Os verbos principais, também denominados plenos, segundo as autoras, constituem o núcleo semântico de uma oração e detêm certas propriedades semânticas e sintáticas que os levam à seleção de determinada quantidade de argumentos com distintos papéis sintáticos. Os verbos principais, de acordo com a obra elucidada, podem estabelecer diferentes relações gramaticais com seus argumentos: de objeto direto, ou de objeto indireto.

Elas expõem os verbos que selecionam um argumento externo e um argumento interno com a relação gramatical de objeto direto (Mateus et. al., 2003, p.: 298), que são

denominados por Cunha e Cintra (2008) como verbos transitivos. Tal relação é descrita expressões que se comportam como objetos lógicos dos verbos ou objetos gramaticais.

A relação de objeto indireto manifesta-se nos verbos transitivos indiretos, assim denominados por Cunha e Cintra 2003. Esta relação sintática é descrita pelas linguistas como os verbos que selecionam um argumento externo (sujeito) e um argumento interno de objeto indireto, que se caracteriza por ter um papel semântico de Alvo que “é o papel temático do argumento que designa a entidade para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não” (MATEUS et.al., 2003, p.190) ou Fonte, “papel temático do argumento que designa a entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar” (MATEUS et.al., 2003, p.189).

As autoras apresentam os verbos de dois lugares com um argumento interno oblíquo que são denominadas pelos gramáticos também como verbos transitivos indiretos. Tais verbos selecionam um argumento interno preposicional ou adverbial com uma relação gramatical oblíqua, além do argumento externo.

Os verbos intransitivos da tradição gramatical luso-brasileira, na Gramática da Língua Portuguesa (2003), são diferenciados em verbos inergativos e inacusativos, sendo os primeiros os verdadeiros intransitivos, de acordo com Mateus et. al..

Verbos inergativos são verbos de um lugar que selecionam apenas o argumento externo com relação gramatical de sujeito. Os verbos inacusativos selecionam um argumento interno com a relação gramatical típica de sujeito. Dessa forma, diferem-se devido ao argumento selecionado pelo verbo inacusativo apresentar propriedades tanto de sujeito como de objeto direto; e por isso, as autoras consideram que os verbos inergativos são os reais verbos intransitivos.

Essa peculiaridade pode ser percebida por meio de testes sintáticos, como a construção do participio absoluto e a nominalização em –or. O sujeito dos verbos inergativos não admite esta construção, assemelhando-se aos argumentos externos dos verbos transitivos:

(5) O marido trabalha. *Trabalhado o marido.

O sujeito dos verbos inacusativos, porém, concebe perfeitamente esta organização sintática:

(6) Chegou o João. Chegado o João.

A nominalização em - *or* é possível apenas nos verbos inergativos, à semelhança dos verbos transitivos. Tal processo derivacional é esclarecido na obra como devido ao fato de possuir como aplicação apenas os verbos que selecionam um argumento externo.

(7) Trabalhar, trabalhador. Chegar, *chegador.

2.1.1 Alternância e verbos principais

Os verbos de alternância permitem modificar o mapeamento sintático dos argumentos. Podem aceitar alternância causativa ou locativa e são descritos como:

“Os verbos de alternância caracterizam-se por exibirem duas variantes, relacionadas de um dos seguintes modos: a grelha temática do verbo mantém-se em cada uma das variantes, mas a relação gramatical de um ou mais desses argumentos é diferente em cada uma delas; uma das variantes seleciona menos um argumento do que a outra, sendo a relação gramatical desse único argumento diferente da que tal argumento tem na outra variante”. (MATEUS, 2003, p. 305)

O processo de alternância causativa ocorre por meio de uma variante causativa transitiva alternando-se para uma variante não causativa, sem argumento externo, como no seguinte exemplo:

(8) a. Gabriela fechou a porta.

(9) b. A porta fechou.

Em tal processo, o argumento interno assume a função de sujeito, porém mantém a relação gramatical com o verbo de argumento interno. A manutenção desta propriedade pode ser inferida, por meio, de uma análise semântica em que é possível afirmar que o Tema, mesmo assumindo a função de sujeito, não se tornou um agente (g), dessa forma, em (g) tem-se uma variante anticausativa, pois denota somente o resultado. Configura-se, portanto, a voz média em que se omite o causador e denota-se só o resultado. Em (10) a. não é possível inserir o elemento agentivo como é possível na

voz passiva; prova disso é o teste semântico da inserção do termo “deliberadamente” característico da possibilidade da presença de um Agente.

(10) a. A porta fechou *deliberadamente. (voz média)

b. A porta foi fechada pela Gabriela. (voz passiva)

É importante ressaltar que, em alguns verbos, que produzem tal tipo de alternância, a variante inacusativa possui, obrigatório ou facultativamente, o pronome “se” clítico do paradigma dos reflexivos.

(11) a. A chuva afundou o navio

b. O navio {tema} afundou-se.

2.1.2 Frases com verbos inacusativos

Ao considerar as construções frásicas com verbos inacusativos que denotam eventos com causa interna, Mateus explana que estão os verbos não agentivos que exprimem uma reação física ou psíquica. Estas reações são de emissão perceptível pelos sentidos, ou de mudança de estado devido à causa interna. Tal explanação demonstra a intrínseca relação entre a transitividade verbal e a semântica.

Mateus et al explicam que estes tipos de verbos não possuem uma variante causativa:

(12) a. A Gabriela desmaiou.

b. * A alta temperatura desmaiou a Gabriela.

Contudo, eles poderão abranger uma interpretação causativa nas construções sintáticas mais complexas:

(13) A alta temperatura fez com que a Gabriela desmaiasse.

Os verbos inacusativos de mudança de estado devido à causa externa não admitem os adjuntos como por si só:

(14) * A Gabriela desmaiou por si só.

Já, os verbos inacusativos que representam mudança de estado devido à causa interna, admitem perfeitamente tais adjuntos, e também, ensejam restrições agudas sobre os argumentos internos diretos: somente flores podem florir.

(15) O picolé derreteu por si só.

2.2 Verbos auxiliares

Mateus et. al. descrevem o sintagma verbal como a constituição de um núcleo verbal e os complementos selecionados pelo verbo, e assim, o núcleo verbal pode acontecer isoladamente, ou vir acompanhado de um ou mais verbos auxiliares, quando o verbo principal está na forma participial ou infinitiva. Elas ressaltam que a concordância entre o sujeito e a forma verbal é atribuída ao primeiro verbo, sendo ele o verbo principal ou verbo auxiliar, entretanto não apresentam exemplos de complexos verbais no português, em que a forma verbal auxiliar não preceda ao verbo principal.

(16) a. Ana vai comer um bolo. Verbo principal: comer.

b. Ana e Mário vão comer um bolo. Verbo auxiliar: vão. Verbo Principal: comer.

c. Luísa tem ido ao cinema. Verbo auxiliar: tem. Verbo principal: ido.

As autoras trazem a discussão sobre a dúvida quanto ao caráter auxiliar dos verbos, suscitando se determinada sequência verbal forma um complexo verbal, ou apenas apresenta-se na oração um verbo principal, que seleciona um complemento no infinitivo, ou até mesmo, se são duas orações de predicativos distintos. Para identificar um verbo auxiliar, então, Mateus et. al. enumeram os principais critérios de auxiliaridade.

Primeiramente, as autoras expõem que os verbos auxiliares não têm propriedades de seleção semântica e, por isso, é o segundo verbo que determina a seleção do sujeito.

(17) Anita tem ido à biblioteca. / * A pedra tem ido à biblioteca.

(18) José há-de sair. / * A pedra há-de sair.

Dessa forma, verbos como *ter*, *poder*, podem ser usados com qualquer tipo de argumento, enquanto *ir* e *cair* são os determinantes para escolha do argumento sujeito.

Outra característica é que orações simples contendo verbo auxiliar, não podem ter a segunda forma verbal substituída por uma oração completiva finita iniciada pelo complementador que, isto é, o verbo principal não seleciona uma oração completiva finita.

(19) a. Mariana tinha ido ao teatro. / * Mariana tinha que vai ao teatro.

b. Mariana quer ir ao teatro. / Mariana quer que a mãe vá ao teatro.

Em uma construção simples com verbo auxiliar é impossível empregar dois adverbiais de tempo do mesmo tipo, porque só existe uma oração, enquanto tal emprego é possível numa construção com duas orações.

(20) a. Ana tinha ido ao clube.

b. * Hoje Ana tinha ido ao clube ontem.

c. Hoje Ana quer ir ao clube amanhã.

Também, em uma construção com verbo auxiliar, não é possível a inserção de advérbio de negação à esquerda de cada um dos verbos, mas apenas, anteriormente, ao primeiro verbo, pois assim, o advérbio modifica toda a frase.

- (21) a. Ana tem ido à igreja.
b. Ana não tem ido à igreja.
c. *Ana não tem não ido à igreja.
d. * Ana tem não ido à igreja.
e. Ana quis ir à igreja.
f. Ana não quis não ir à igreja.
g. Ana quis não ir à igreja.

A colocação de pronomes clíticos ocorre de forma adjacente ao primeiro verbo, quando há a presença de verbo auxiliar; além de que, numa construção com auxiliar é impossível substituir o segundo verbo e os seus complementos pelos clíticos verbais demonstrativos ou *e isso*.

- (22) a. Ana tinha feito a pesquisa. Ana tinha as-feito.
b. * Ana tinha ido ao cinema, mas Maria não tinha isso.
c. Anita queria ir ao cinema, mas Carlos não queria isso.

2.3 Verbos copulativos

Os verbos copulativos ou de ligação, segundo Mateus et. al., são aqueles que selecionam semanticamente um argumento interno, que será uma oração pequena com núcleo adjetival, nominal, adverbial, ou preposicional. Esse núcleo tem relação

gramatical de predicativo do sujeito. Nas construções copulativas, o verbo copulativo não impõe qualquer restrição de seleção do sujeito, podendo o mesmo verbo ocorrer com diferentes sujeitos (humano, animal, ou abstrato). As autoras ressaltam que é o predicativo do sujeito quem possui essa propriedade.

(23) a. O livro está na estante.

b. O cão está doente.

c. Ana está feliz.

d. * O caderno está feliz.

A escolha do verbo predicativo, por sua vez, é condicionada pelo tipo de propriedade que o constituinte do predicativo do sujeito exprime. Para Mateus et. al. Aqueles que exprimam predicados de espécie e indivíduo são formados com o verbo ser, e estar ou andar quando exprimem predicados de fase. Predicativos do sujeito com interpretação locativa são construídos, em geral, com o verbo estar (propriedades de fase) ou ficar (propriedades do indivíduo).

Interessante crítica fazem as linguistas aos tradicionais gramáticos que consideram os verbos copulativos meros elementos de ligação, desprovidos de conteúdo lexical pleno. Segundo elas, a existência de uma relação direta e de nexos fortes entre o predicativo do sujeito e o sujeito, não retira dos verbos copulativos o estatuto de itens lexicais plenos, mas pressupõe a existência de **orações pequenas**, “em que o predicativo do sujeito é o predicado e o constituinte com a relação gramatical de sujeito o sujeito que o satura” (MATEUS, 2003, p. 540).

3. Estudo Comparativo.

A partir das propriedades enunciadas e exemplificadas é possível concluir que, Cunha e Cintra 2008 são autores que utilizam, em grande parte de sua obra, critérios semânticos para a explicação dos elementos caracterizadores dos verbos principais, copulativos e auxiliares, o que se mostra ineficiente para abranger os diversos fenômenos linguísticos da língua portuguesa.

Ao tratarem dos verbos principais, os gramáticos os conceituam com critério semântico, assim como Mateus et al. 2003. Entretanto, Cunha e Cintra 2008 não diferem verbos inacusativos e inergativos, considerando todos como verbos intransitivos. A explicação dada pelos autores relativa aos verbos transitivos indiretos também se mostra falha, pois, os diferenciam dos verbos transitivos diretos apenas pelo uso da preposição; conceituação contraditória ao se analisar os objetos diretos preposicionados.

Os autores afirmam que o termo que completa o sentido do verbo transitivo é o objeto direto, e este o faz de forma direta, sem preposição. O objeto direto, então, de acordo com os gramáticos, seria preposicionado quando completasse verbos que exprimem sentimentos ou para evitar ambiguidades, e obrigatoriamente quando o objeto direto fosse expresso por pronome pessoal oblíquo. Mateus et. al. também elencam as situações em que o objeto direto ocorre precedido da preposição *a*. Todavia, em nenhuma das obras há uma explicação detalhada para a ocorrência do fenômeno, nesse ponto, apenas descrevem os diferentes contextos.

Mateus et. al., por sua vez, utilizam critérios semânticos e sintáticos para a caracterização dos verbos, o que se revela mais abrangente para a explicação dos processos verbais de transitividade. O mesmo ocorre em relação aos verbos auxiliares, que as autoras apresentam as formas de identificação destes, enquanto Cunha e Cintra não suscitam a problemática da diferenciação entre as locuções verbais e os verbos que selecionam argumentos verbais.

Os verbos copulativos são caracterizados por Cunha e Cintra também por critérios semânticos e importante ressalva fazem os autores, ao apresentarem verbos que funcionam ora como significativos, ora como verbos de ligação (também denominados pelos autores como copulativos).

(24) Alice andou muito preocupada. (Verbo de ligação que expressa um estado transitório)

(25) A vendedora andou muito hoje. (Verbo significativo)

A abordagem de Mateus et. al. também se revela mais abrangente quando tratam dos verbos copulativos, uma vez que não retiram deles o elemento de significação, mas propõem uma diferente organização sintática para a explicação da intensa relação entre o sujeito e seu predicativo.

Considerações Finais

As gramáticas escolares tendem à utilização de critérios semânticos para a explicação de fenômenos sintáticos, assim como ocorre nas análises gramaticais de Cunha e Cintra. Na *Gramática da Língua Portuguesa* 2003, por exemplo, Roberto Melo Mesquita segue as mesmas conceituações dos gramáticos para caracterizar verbos principais e auxiliares: “verbo auxiliar é aquele que, na locução em que é empregado, não possui sentido próprio” (MESQUITA, 2003, p.279). Também diferencia os verbos transitivos indiretos pelo uso da preposição: “é aquele cujo sentido é completado por um termo que se junta a ele com o auxílio da preposição” (MESQUITA, 2003, p.407).

A compreensão deficiente sobre a classificação e as funções verbais no período universitário, faz transportar para as salas de aulas, professores despreparados que reproduzem informações equivocadas, tratando-as como fórmulas exatas. Portanto, é necessário que o acadêmico busque um estudo mais atento, em diferentes bibliografias, para conhecer em profundo, tal processo.

O ensino mecanizado, todavia, desprestigia as habilidades linguísticas dos alunos, que, como falantes do português brasileiro identificam as diferentes propriedades e funções dos verbos e seus argumentos, e precisam aceitar as explicações incompletas dos professores.

Obviamente, no âmbito escolar, não se faz necessário o aprofundamento teórico típico da academia, entretanto, somente uma boa formação universitária é capaz de construir profissionais críticos, que possam oferecer um ensino qualificado pela propositura dos reais problemas da língua, e não, simplesmente aulas, baseadas na imposição de regras da gramática tradicional.

Referências Bibliográficas

CUNHA E CINTRA, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

MATEUS, M.H. M. et. al. – *Gramática da Língua Portuguesa* (5ª edição, revista e aumentada), Lisboa (Editorial Caminho – Coleção Universitária / Série LINGUÍSTICA), 2003.

MESQUITA, ROBERTO MELO, *Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 2002.